

Einstein e Pessoa

Kenneth Krabbenhoft

Resumo. Em Fernando Pessoa, o poeta e o pensador, reuniram-se o espírito não-conformista e a sede de perceber verdades universais, que o impulsionaram ao longo da sua vida a estudar as correntes mais novas do pensamento científico da sua época. O que lhe interessava não era tanto o progresso da ciência em si mas as consequências dos últimos achados científicos para a sociedade em que vivia, tanto na ética como na política, tanto na arte como nas relações íntimas dos indivíduos. No seu caso, o de um homem dedicado corpo e alma à criação poética, a ciência era uma fonte de revelações que, em conjunto com o seu génio particular, ajudavam-no a aprofundar a compreensão (ou pelo menos a confirmação) da sua própria arte, além de sugerir possibilidades e caminhos a serem explorados. Este ensaio examina uma faceta do tópico—a teoria restrita da relatividade—da heteronímia. Os textos que apoiam o argumento são de três tipos: 1. livros pertencentes à biblioteca particular do poeta, hoje conservada na Casa Fernando Pessoa em Lisboa; 2. o espólio literário do poeta, isto é manuscritos não publicados conservados na Biblioteca Nacional de Portugal; e 3. as obras publicadas de Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo.

Introdução

O espírito não-conformista e a sede de perceber verdades universais impulsionaram Fernando Pessoa ao longo da sua vida a estudar as correntes mais recentes do pensamento científico da sua época. O que lhe interessava

não era tanto o progresso da ciência em si mas as consequências dos últimos avanços científicos para a sociedade e a cultura em que vivia. No seu caso, o de um homem dedicado de corpo e alma à criação poética, a ciência era uma fonte de revelações que, em conjunto com o seu génio particular, ajudavam-no a aprofundar a sua compreensão da arte, além de sugerir possibilidades e caminhos a serem explorados.

Este ensaio examina dois achados importantes do início do século XX europeu: nas ciências, a teoria restrita da relatividade de Albert Einstein, e na poesia, a heteronímia de Fernando Pessoa, que no seu aspecto teórico reflecte premissas enunciadas por Einstein e depois estendidas por pensadores como Henri Bergson à filosofia. Os textos que apoiam o argumento são de três tipos: 1. livros pertencentes à biblioteca particular do poeta guardada na Casa Fernando Pessoa em Lisboa; 2. o espólio literário do poeta conservado pela Biblioteca Nacional de Portugal; e 3. certas obras publicadas de Fernando Pessoa ortónimo e heterónimo. Os livros da primeira categoria interessam não só pelo seu conteúdo mas também pelos sublinhados, sinais marginais, e pelos comentários que Pessoa escreveu à mão nos seus exemplares. Uma coisa é constatar, por exemplo, que Pessoa possuiu um exemplar de *Initiation aux théories d'Einstein* do físico francês Gaston Moch, outra coisa é saber quais eram as linhas e os parágrafos que chamaram a atenção do poeta, informação que tem implicações importantes para o estudo do fenómeno heteronímico.

Einstein e a teoria da relatividade

Albert Einstein tinha apenas 27 anos quando publicou o esboço inicial da teoria restrita da relatividade, o primeiro dos achados que lhe dariam renome sem igual na história das ciências.¹ Não foi a “estrela” do jovem físico na prestigiosa revista *Annalen der Physik*, pois anteriormente (embora no mesmo ano de 1905) tinha publicado estudos sobre o movimento molecular e o carácter físico da luz: o primeiro ensaio explicou de uma forma original o chamado “movimento Browning” e o outro, a natureza material da luz. O terceiro estudo na série descreve a teoria restrita da relatividade, geralmente considerada o avanço mais importante na física desde os *Principia mathematica* de Isaac Newton (1687). Einstein mostrou que a velocidade da luz é constante em todo e qualquer campo de referência: portanto, se se admite que as leis naturais também se mantêm constantes dentro de um campo em movimento, o tempo e o movimento serão forçosamente relativos com respeito a uma pessoa que os observa de outro campo. Como

consequência dessa teoria, Einstein descobriu a fórmula que expressa a equivalência da matéria e da energia, a conhecidíssima $E = mc^2$, que apareceu num quarto estudo do mesmo ano. Em 1916, uma década mais tarde, Einstein deu ao público a sua segunda teoria relativista, a teoria generalizada da relatividade, que define a gravidade não como uma força inalterável mas como uma distorção do *continuum* do espaço e do tempo criada pela presença da massa de corpos físicos dentro do *continuum*.²

A primeira das duas teorias relativistas é a que mais relevância tem para o estudo da heteronímia, por ser aquela que mais facilmente se aplica à problemática do perspectivismo literário e da voz poética. Para melhor explicá-la, cita-se a obra *Space and Time in Contemporary Physics* do professor vienense Moritz Schlick, publicada em tradução inglesa em 1920— a edição citada por Pessoa numa lista de leituras, embora não conste no inventário da sua biblioteca (Pina Coelho 155). Schlick concentra-se no problema que surge quando se nega a objectividade física *a priori* ao tempo e ao espaço: resolve-o propondo que a única maneira de compreender a realidade é tomar em conta a teoria da relatividade e como, de acordo com ela, os objectos, o espaço e o tempo juntos formam uma realidade física unificada (65-66).

Schlick afirma que é fácil aceitar as leis da mecânica clássica de Newton, porque concordam com a experiência quotidiana:

It is a matter of everyday experience that all mechanical events take place in a system which is moving uniformly and rectilinearly (e.g. in a moving ship or train) exactly in the same way as in a system which is at rest relatively to the earth. But for the inevitable occurrence of jerks and rocking... an observer enclosed in a moving air-ship or train could in no wise establish that his vehicle was moving. (10)

A novidade da teoria restrita da relatividade é que nega um valor absoluto a esses mesmos “eventos mecânicos”:

The length of a rod, the duration of an event, are not absolute quantities, as was always assumed in physics before the advent of Einstein, but are dependent on the state of motion of the co-ordinate system in which they are measured. The methods which are at our disposal for measuring distances and times yield different values in systems which are in motion relatively to one another. (13)

Para ilustrar a teoria, Schlick oferece o famoso exemplo dos quatro relógios. Imaginemo-los instalados em comboios diferentes, digamos $K\phi$ e K (o que segue é uma tradução mais ou menos literal; para os que não conhecem a prova, é útil deitar mão de lápis e papel). Em $K\phi$ há dois relógios, $A\phi$ e $B\phi$; os relógios A e B no comboio K estão na mesma posição com respeito aos seus semelhantes no outro comboio. $K\phi$ viaja a uma velocidade q em relação a K , em direcção $A \rightarrow B$. Suponhamos que um observador em K olha pela janela no momento exacto em que $K\phi$, ao ultrapassar K , alcança exactamente a mesma velocidade. Nesse instante, o observador no comboio K vê que o relógio A , montado na parede ao seu lado, dá as 12:00 horas, e que o relógio $A\phi$ que enxerga através da janela do comboio $K\phi$ também dá as 12:00 (o mesmo para $B\phi$ e B). Às 12:00 em ponto $A\phi$ e A emitem raios de luz. A luz de $A\phi$ alcança o relógio B , reflectida do relógio A , quando ele marca as 12:00 e um segundo. Mas o relógio $B\phi$, porque está no comboio $K\phi$, neste momento já viajou uma distância q e haverá viajado um pouco mais antes de receber a luz de A , reflectida de $A\phi$. Para o observador no comboio K , portanto, a luz precisa de mais do que um segundo para ir de $A\phi$ a $B\phi$. O mesmo observador verá que a luz, reflectida de $B\phi$ a $A\phi$, tomará *menos* de um segundo para alcançar $A\phi$, porque em relação a ele, $A\phi$ viaja em direcção *à luz* (15). O observador no comboio K concluirá que a luz toma mais tempo em ir de $A\phi$ a $B\phi$ do que de $B\phi$ a $A\phi$, mas o seu parceiro no $K\phi$, imóvel com respeito a $A\phi$ e $B\phi$, não verá nenhuma diferença porque *dentro do sistema $K\phi$* a luz vai à mesma velocidade nas duas direcções. Portanto dois eventos da mesma duração no sistema $K\phi$ são de duas durações diferentes quando medidos no sistema K . O tempo é relativo ao sistema em que é medido, e não só o tempo: também a largura dos corpos materiais varia, recolhendo-se na direcção do movimento relativa ao observador imóvel a um valor determinado pela fórmula do físico holandês Hendrik Lorentz: $a = a_0 \sqrt{1 - q^2/c^2}$ em que a = a largura do objecto medida desde um sistema imóvel com referência a ele, q = a velocidade do sistema com relação ao sistema imóvel e c = a velocidade da luz. (16-17) Os que utilizaram a fórmula de Lorentz para matar o tédio das aulas de colégio a calcular a contracção de um lápis em movimento sabem que o efeito é quase nulo a qualquer velocidade que não se aproxime da da luz.

A conclusão de Schlick pode fazer as vezes de uma justificação físico-epistemológica (no sentido metafórico, claro) da poética heteronímica: a fim de contas, se se toma em conta a relatividade é ainda possível

to indicate identically the *same* set of facts by means of *various* systems of judgments; and consequently there can be various theories in which the criterion of truth is equally well satisfied, and which then do equal justice to the observed facts, and lead to the same predictions. *They are merely different systems of symbols, which are allocated to the same objective reality.* (86, sublinhado do autor)

O aspecto material, as consequências físicas da teoria restrita da relatividade não interessavam a Pessoa: para ele, o importante eram sempre as implicações epistemológicas e ontológicas. Na sua projecção literária, o “critério da verdade” para Pessoa é a poesia pura, e o seu contexto é a civilização decadente da Europa actual. A verdade consta de um conjunto de factos determinado: é uma realidade que não pode revelar-se (por assim dizer) a um observador único, nem mesmo àquela perspectiva que se pode designar como “privilegiada.” Se o critério da verdade se revelasse completo, unívoco, e unidirecional no passado, era porque a mecânica newtoniana e a filosofia da Ilustração permitiram-no. No início do século XX, no entanto, sabe-se que não há nenhuma realidade cuja descrição ou definição não dependa da posição do observador relativa àquilo que ele observa, e que todos os observadores têm o mesmo valor, *qua* observadores.³ A ideia mais “completa” de um fenómeno é portanto aquela que reúne o maior número de observações pelo maior número possível de observadores numa aproximação plausível a um objectivismo idealmente inalcançável.

A Relatividade e o Relativismo no Pensamento de Pessoa

o conhecimento científico é puramente relativo (*Pessoa inédito* 409)

A evidência textual sugere que era lento o processo pelo qual Pessoa converteu a relatividade estrita de Einstein em uma justificação pseudo-científica do perspectivismo poético representado pelos heterónimos. Há de facto uma coincidência inegável e significativa entre o período que vai de 1905, o *annus mirabilis* Einstein, até ao *annus mirabilis* de Pessoa: eram os anos em que Pessoa aprofundava os seus conhecimentos científicos ao mesmo tempo que os heterónimos gestavam na sua imaginação, para saírem ao mundo em 1914.

Diferente do físico alemão-suiço-americano e do seu pensamento já maduro, Pessoa em 1905 tinha apenas 16 anos embora pressentisse que o seu génio exigir-lhe-ia sacrifícios especiais, não sabia muito bem que forma esses sacrifícios

tomariam. Neste ano, o poeta dedica-se a elaborar os inquéritos poéticos e filosóficos do primeiro heterónimo que a crítica considera importante, Alexander Search, um Alexandre britânico-africano que, como o seu homónimo grego, busca a fortuna. De 1905 conservam-se poemas de Search como “Beginning,” que termina:

Blow hard, thou wind: look pale, thou awful day!
 Ye cannot in your dread and horror match
 The thing that I bear in me and is me,
 These idle thoughts that stray
 Subordinate to the deep agony
 Of him who hears the gates of reason's latch
 Fall with a sound of termination,
 As of a thing locked past and for e'er done.

Outro da mesma época é “Resolution.” As linhas finais são:

... I'll to my work then, so God make me strong
 To bring the Demons of mine own self to
 Their knees, and take the Devil by the throat. (*Poesia* 44, 50)

Não é este o lugar para indagar sobre esses Demónios e o Diabo que os rege: basta dizer que dão uma ideia do estado psíquico do jovem Pessoa.

1905 é também o ano do primeiro texto conservado da correspondência de Fernando Pessoa, uma carta de protesto à “ignomínia e insensibilidade humanas” (human ignobleness and unfeeling) do jornal *The Natal Mercury* ao ridiculizar os russos (Bréchon 63). O autor da carta é o segundo heterónimo importante, Charles Robert Anon (nascido por volta de 1905 em Durban, África do Sul). Escreve: “To us, Englishmen, of all men the most egotistic, the thought has never occurred [sic] that misery and grief ennobles, despicable and self-caused though they may be” (Pessoa, *Correspondência* 14). É a voz do idealismo juvenil, em boca de um heterónimo que se transforma mais tarde em céptico de ofício. Essa mostra da pluralidade de perspectivas é um primeiro indício do percurso poético de Pessoa durante a década de 10 e 20, que coincide com o seu interesse crescente nas ciências, entre elas a física einsteiniana.

Os estudos da teoria da relatividade que figuram no inventário da biblioteca Fernando Pessoa—de uma leitura muito mais acessível—são:

1. Anónimo, *Einstein: ABC das suas teorias, explicadas por 26 gravuras e fácil texto* (Lisboa: Sá da Costa, s.d.). 39 páginas em francês, inglês, português e espanhol.
2. Henry L. Brose, *The Theory of Relativity* (Oxford: B.H. Blackwell, 1920 [1919]). 32 páginas.
3. Gaston Moch, *Initiation aux Théories d'Einstein* (Paris: Bibliothèque Larousse, s.d. [1922]). 160 páginas.
4. James Rice, *Relativity: An Exposition without Mathematics* (Londres: Ernest Benn Ltd., 1928 [1927]). 79 páginas.

O folheto *Einstein: ABC das suas teorias* fica fora da conta, também o livro ainda mais breve do Professor Rice, da Universidade de Liverpool: nos dois casos a apresentação é pouco substancial. Pessoa marcou somente quatro passagens do livro de Brose, uma das quais se cita a continuação. O trabalho de Gaston Moch, por outra parte, além do seu interesse intrínseco está amplamente anotado pelo poeta.⁴

Initiation aux Théories d'Einstein

Pessoa destaca o parágrafo em que Moch identifica três ideias que na física clássica têm um valor absoluto: o espaço, o tempo e a massa. O físico lembra ao leitor que, segundo a teoria da relatividade, nenhuma dessas três tem um valor absoluto, muito pelo contrário: o seu valor depende sempre e exclusivamente “de l'état de mouvement de l'opérateur par rapport à l'objet de la mesure” (13), como no “thought experiment” dos quatro relógios.

No entanto as consequências da teoria vão muito além das medidas de longura, largura e altura, pondo em questão a natureza da própria causalidade. Em outra passagem marcada por Pessoa, Moch explica que todos os fenómenos naturais estão sujeitos à “correição” relativista:

Théoriquement, une loi physique rattache un phénomène à une cause. Mais comme il n'existe pas de phénomène qui ne soit influencé par une multitude de causes, il se trouve qu'à l'application, chaque loi est contrariée par d'autres, suivant une proportion qui peut être insensible ou considérable. (20)

Sem dúvida foi o matiz epistemológico desta formulação o que lhe chamou a atenção ao Pessoa que para 1922 (o ano da publicação de *Initiation...*) explorara a projecção literária do relativismo einsteiniano através da criação dos heterónimos, realizando um trabalho de síntese intelectual-poética parecido àquele realizado por outros escritores “experimentais” da época como Unamuno em *Niebla* (1914, escrita em 1907), Pirandello em *Sei personaggi in cerca d'autore* (1921) e James Joyce em *Ulysses* (1922), cujo *stream of consciousness* e pluralismo estilístico parecem-se com a multiplicidade expressiva dos heterónimos.⁵ Moch afirma, em palavras assinaladas por Pessoa, que, graças aos achados de Einstein, o indivíduo nunca mais poderá pressupor que a sua visão do mundo tenha qualquer coisa que ver com a maneira em que os outros percebem o mundo, a não ser que se comuniquem na linguagem impessoal da matemática:

... la configuration des étoiles, telle que nous la voyons, n'est qu'une apparence fallacieuse, provenant de la rencontre, sur notre rétine, d'impressions impossibles à classer dans le temps et dans l'espace. Le spectacle du ciel étoilé, que poètes et théologiens vantent comme l'exemple de l'harmonie parfaite, est celui de l'incohérence la plus désordonnée. (53)

Na mesma maneira em que o relativismo condena o homem a não poder resolver os grandes enigmas cosmológicos, o perspectivismo epistemológico análogo condena o indivíduo a nunca perceber o significado dos fenómenos, nem sequer ao nível particular.

Não se deve desdenhar o impacto que palavras semelhantes tiveram em Pessoa, mesmo oito anos depois do nascimento de Alberto Caeiro. Sempre absolutista no seu afã de alcançar os primeiros princípios e as últimas verdades, Pessoa teria percebido a conclusão de Moch como uma prova da impossibilidade de abranger qualquer verdade absoluta, de realizar uma obra de arte perfeita ou completa. Pior: embora o poeta conseguisse milagrosamente escrever um poema perfeito, este seria recebido e percebido de acordo com a perspectiva limitada do leitor individual, possivelmente de uma maneira que sem dúvida evade a intenção do autor. Que fazer? Cortado o caminho da perfeição à voz única do poeta solitário, resta o caminho da multiplicação de vozes. A declaração de Moch: “la question de savoir de l'Univers est infini ou sphérique est à jamais invérifiable” (138-139), traduz-se na vivência particular de Pessoa em um processo de interiorização que

desemboca na “externalização” psicológica e poética da pluralidade mais variada de perspectivas sobre a realidade. Se nenhum ponto de vista pode ser compreensivo, então o maior número possível de perspectivas dará a visão mais completa do fenómeno observado.

É neste ponto que a física einsteiniana coincide com a teoria da evolução, *sensu lato*. Pessoa aceita uma das teses evolucionistas menos controvertidas, isto é, que a vida orgânica adapta-se às mudanças do ambiente através do desenvolvimento de órgãos especializados. Partindo de uma forma relativamente menos complexa, os organismos desenvolvem-se no sentido de maior complexidade para melhor garantir o domínio sobre o ambiente e portanto a sobrevivência da espécie. Como escreveu Herbert Spencer, autor lido e comentado por Pessoa: “[Matter] passes from an indefinite incoherent homogeneity to a definite coherent heterogeneity” (73).⁶ Pessoa descreve o processo no artigo “Organizar,” publicado n’ *A Revista de Comércio e Contabilidade* a 25 de abril de 1926: “Um organismo complexo formou-se, no decurso do que se chama ‘evolução,’ por o que os biólogos denominam ‘diferenciação,’ isto é, a formação—lenta e confusa no tempo, definida nos seus resultados últimos—de órgãos especiais, cada um para uma função especial, e concorrendo todos, cada um adentro da sua função, para a mutação da vida do organismo em seu conjunto” (*Crítica* 306-307). Os três princípios fundamentais dessa organização são:

(1) o conjunto deve ser dividido no número de elementos, ou órgãos, que é preciso, e nem em mais, nem em menos, que esses; (2) cada elemento, ou órgão, do conjunto tem que ter uma função absolutamente distinta da de qualquer outro elemento, e relacionada com a função desse outro apenas pela circunstância do comum concurso para o funcionamento do conjunto; (3) adentro de cada elemento ou órgão do conjunto se observará a mesma distinção de funções que se estabeleceu para o próprio conjunto, visto que cada elemento ou órgão, por distinto e diferenciado, é um conjunto em si mesmo. (307-308)

Para o pensamento evolucionista, é um processo análogo que cria a complexidade das civilizações avançadas, em que o funcionamento de cada indivíduo atinge o máximo grau de perfeição, definida como a realização do seu papel para dentro da comunidade, e para o máximo bem dela. É por isso que Spencer diz que o homem difere dos outros animais porque só ele desenvolve “a formula for complete life which specially recognizes the relations of each

individual to others, in presence to whom, and in co-operation with whom, he has to live” (153). A consequência deste utilitarismo evolucionário para a ética é evidente: “Ethics becomes nothing else than a definite account of the forms of conduct that are fitted to the associated state, in such wise that the lives of each and all may be the greatest possible, alike in length and in depth” (153). A nível artístico, os órgãos especializados são os heterónimos, que em tudo parecem-se aos órgãos do corpo, pois “quanto mais diferenciados esses órgãos, menos capaz é cada um deles de exercer a função que compete ao outro” (*Crítica* 307), o que Luís de Oliveira e Silva caracterizou como a “experiência paradigmática” de cada um dos heterónimos (224). Alberto Caiero não pode ser Ricardo Reis que também não pode ser Álvaro de Campos, e este não pode ser Pessoa, embora houvesse certa confusão na mente (e no comportamento) do seu criador a respeito dessa identificação. Pode-se perceber os heterónimos anteriores, desde le Chevalier de Pas até a Raphael Baldaia, como vestígios de etapas anteriores na evolução do organismo “total” que é a constelação dos quatro grandes poetas que, segundo o próprio Pessoa, existe principalmente para fomentar a actividade de Alberto Caiero como o Super-Camões e salvador do espírito europeu. Também se poderia identificar o organismo total com a civilização europeia do início do século XX, aquele organismo que Pessoa encontrou em vias da auto-extinção por não saber adaptar-se ao novo ambiente racionalista e científico.

Finalmente, repare-se que dentro do esquema organizacional esboçado por Pessoa, há sempre um chefe de organização que dirige as actividades dos chefes de elemento. O chefe de organização “estabelece um plano geral, em linhas gerais,” logo reparte “a cada chefe de elemento a divisão dos serviços adentro do elemento que lhe compete.” Para garantir a unidade ou uniformidade da organização, Pessoa especifica que “cada chefe de elemento tem de ser, adentro do elemento de que é chefe, uma reprodução ou imagem do chefe de organização”—razão pela qual os “sobreviventes” da evolução poética pessoana são todos poetas (lembre-se que segundo o próprio Pessoa, Bernardo Soares não é um heterónimo mas um alter-ego). O chefe de organização, portanto, ao delegar determinada função ao chefe de elemento, torna-se, “por assim dizer, voluntariamente, incompetente para o seu exercício.” Pessoa conclui: “E é este o segredo de toda a organização eficaz: *há hierarquia de cargos, não há hierarquia de funções.*” Substituir Fernando Pessoa como chefe de organização e os heterónimos como chefes de elemento, e a descrição evolucionista vale tanto para a poética dos

heterónimos—dir-se-ia, para toda a poética modernista europeia—como para o comércio.

A Aplicação Epistemológica

A luta pela compreensão, que é o *esforço para a consciência*, é, no homem, a forma essencial e profunda do seu ser psíquico (Coimbra 237).

Frase sublinhada por Pessoa no seu exemplar do livro (1923).

As “dimensões” dos objectos não estão nelles, mas sim em nós. (*Pessoa inédito* 269)

O Pessoa de 1912, ano da fundação do movimento da Renascença Portuguesa no Porto, é bem diferente do jovem do ano da divulgação da teoria restrita da relatividade. É neste ano que Teixeira de Pascoes e Leonardo Coimbra (que estudara com Sampaio Bruno, o outro filósofo “profissional” do movimento) lançam o seu projecto de renovação cultural com o programa filosófico duplo do Saudosismo e do Criacionismo, “sistemas ou ideias aliás convergentes” (escreve António Quadros) “que se irmanam na crítica tanto ao velho regime, ao absolutismo e à ideologia positivista triunfante, como às formas de socialismo e de materialismo, que despontam e crescem” (29). Para essas datas Pessoa já tinha experimentado com a poesia e a prosa, até 1909 principalmente em inglês, depois em português. Através de sua revista, *A Águia*, a Renascença Portuguesa deu-lhe um fórum e uma entrada no “grande” mundo das ideias. Os três ensaios que Pessoa forneceu à revista no seu primeiro ano—“A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada,” “Reincidindo,” e “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”—representam, segundo Quadros, “o primeiro acto de presença de Fernando Pessoa na vida cultural” do seu país e portanto da Europa (30). Embora a temática dos artigos pouco tenha a ver com o tema deste estudo, são uma amostra retrospectiva da atividade intelectual que o poeta desenvolvera desde o seu regresso definitivo a Portugal.

Outro indício da maturidade filosófica de Pessoa, por assim dizer, encontra-se na carta que escreveu a Leonardo Coimbra para agradecer-lhe o envio do seu livro *A morte*, publicado em 1913. Em plena época de seu compromisso com a Renascença Portuguesa. Pessoa reconhece o valor da obra do seu “querido camarada,” título que o poeta reservava para os amigos mais íntimos. Escreve:

Eu conhecia já, da sua obra-base [i.e. *O criacionismo*], as grandes qualidades e os (a meu ver) alguns defeitos do seu espírito, alto porventura, porque plenamente

lúcido e intelectual, que a nossa Raça hoje reveladamente possui... Logo do princípio notei, através da aparente e ilusória analogia com os de alguns filósofos recentes, a sua íntima e real originalidade. E nunca haverá em mim entusiasmo que eu sinta que me basta perante o panorama de alma que é a sua obra [etc.].
(*Correspondência* 101)

A crítica pessoana aos “defeitos do seu espírito” de Leonardo Coimbra é tópico para outro estudo; é mais fácil afirmar que a referência aos “filósofos” recentes e à “ilusória analogia” com o pensamento do Coimbra provavelmente oculta uma alusão ao neo-kantiano francês Charles Renouvier e, mais importante, a Henri Bergson, um dos filósofos de mais prestígio na Europa a começos do s. XX. O pensamento de Bergson, que sentiu a influência de Herbert Spenceriano na sua juventude, abraçava a ideia da evolução mas rejeitava os mecanismos materialistas propostos por Darwin, Huxley, Haeckel, e outros. Em vez da selecção natural, Bergson mantém no seu livro mais importante, *L'Évolution Créatrice* (1907), que há um *élan vital* (impulso ou força vital), inacessível aos sentidos humanos, que anima e rege a evolução da vida. A sua filosofia é a primeira que explora substancialmente o papel do tempo na epistemologia, portanto assemelha-se em certos aspectos à relatividade einsteiniana. O seu estudo *Durée et simultanéité de la théorie de Einstein* (1922) testemunha a sua vontade de reconciliar a filosofia e a física (embora o próprio Einstein achou o livro deficiente).

Em Portugal, a análise mais importante desse projecto é *A filosofia de Henri Bergson* de Leonardo Coimbra, publicado em 1934, um ano antes da morte de Fernando Pessoa. Nela o filósofo português comenta o que ele chama “a questão Bergson-Einstein,” nomeadamente a interpretação que Bergson faz à epistemologia implícita à teoria restrita da relatividade. Coimbra vê uma contradição na posição de Bergson, para que a teoria da relatividade restrita “marca... uma maior exigência de um universal do que a própria mecânica clássica [q.d. de Newton], visto que para esta ainda existiam observadores privilegiados, que desaparecem inteiramente naquela” (Coimbra, *A Filosofia* 200).⁷ Para provar o seu ponto de vista, escreve Coimbra,

Bergson supõe os dois sistemas S e S' em movimento de translação uniforme um em relação ao outro—num mora um físico Paulo e no outro um físico Pedro. Cada um destes faz as suas medidas e encontra os comprimentos e os tempos da

mecânica clássica. A física efectiva de cada um deles é, pois, fundamentalmente clássica. Só cada um deles para imaginar a física do outro é que tem de supor as contracções e dilatações correlativas do espaço e do tempo.

— mais uma lembrança dos quatro relógios de Schlick.

Mas esta física é uma simples explicação que cada um dá a si mesmo do facto da identidade das suas visões científicas: qualquer coisa como a necessária explicação de perspectivas diferentes darem o mesmo aspecto de um objecto. Se o objecto é suposto irregular, o fato de perspectivas de pontos de vista diferentes poderia explicar-se por uma deformação de uma imagem por convenientes e apropriadas refrações, por exemplo.

Se, no entanto, nada na natureza, seja, na experiência, me revela a existência desses meios refringentes, não deverei antes concluir que a identidade resulta de secções feitas num objecto regular e que de facto são idênticas?

Bergson argumenta com a *reciprocidade*, isto é, com o facto de Paulo dizer de Pedro o que Pedro tem de dizer de Paulo; mas é isso mesmo que está inscrito no grupo de Lorenz e que só pode dar-se porque o tempo e o espaço são relativos. (Coimbra, *A Filosofia* 201).

É de presumir que o universal torna-se mais necessário no mundo einsteiniano porque sem ele seria impossível afirmar qualquer verdade sobre o mundo: haveria só um caos de percepções sem conexão uns com os outros, e a comunicação humana—a própria linguagem e todas as disciplinas e artes que dela dependem—não seria mais que a ilusão absurda de solipsistas desesperados e auto-enganados. Não foi Bertrand Russell que comentou: “If everything is relative, nothing is relative”? Por outras palavras, a objecção de Bergson não é válida, segundo Coimbra, porque não nega o essencial da teoria de Einstein, disfarça-o em termos diferentes que no fundo dizem a mesma coisa.

Pessoa, por outro lado, prefere o perspectivismo radical que a teoria da relatividade, na sua interpretação, lhe oferece. Ele tira da análise de Coimbra o que lhe convém e deixa o resto: neste caso, reconhece a validez do exemplo atribuído a Bergson sem aceitar a interpretação do seu amigo português. Por outras palavras, acercando-se à mesma problemática a partir do mesmo contexto cultural e intelectual, os dois amigos chegam a conclusões mutuamente contraditórias. Para Coimbra, embora Bergson tivesse razão em rejeitar o relativismo de perspectiva epistemológica, erra, como a imensa

maioria dos cientistas e dos pensadores não-teológicos da sua época, em reduzir o conhecimento da realidade à reciprocidade de percepções que só tem em comum o facto de procederem de sujeitos biologicamente parecidos. O seu ponto de vista é essencialmente tomista. Como escreve, no seu estilo altamente metafórico:

Sim, a intuição directa, o contacto, a experiência osculadora é um ideal de presença e conhecimento; mas nem só o intuído existe, também existe para nós o representado que a realidade exige como real, quando fazemos não a intuição directa desse real, no caso impossível, mas a intuição das operações efectivas do pensamento que o concluiu.

E é este o caso. O que pretende o físico é achar as *leis*, seja a estrutura da realidade e tais são esses leis, ele exigirá que sejam elas o absoluto (no seu plano ontológico) e não os elementos que elas envolvem na sua expressão. (Coimbra 202)

Ou como escreve no seu *A razão experimental* (1923), num esforço por admitir a relatividade divorciada do relativismo (são palavras destacadas por Pessoa no seu exemplar do livro): “a cada Universo einsteiniano ou super-einsteiniano corresponderá sempre um Universo galíleo-newtoniano tangente, como a cada espaço *não-euclidiano* há sempre um espaço euclidiano tangente ou limite” (Coimbra, *Razão* 258). É possível que Pessoa pensasse no conflito entre o Coimbra-progressista e o Coimbra-tomista quando escreveu, num fragmento inédito, que o seu amigo era “um arcanjo cahido com pesadellos do Céu” (*Espólio* 15-76): “arcanjo” porque aferrava-se a crenças que o Pessoa achava inteiramente anacrónicas, sobretudo a partir da sua conversão ao Catolicismo; “com pesadelos” porque desejava realizar a conciliação entre o seu idealismo cristão e a filosofia evolucionista, o que para Pessoa era o equivalente a ver-se perseguido por demónios de duas raças.

Conclusão

Fernando Pessoa viveu a luta entre a ambição impossível de realizar a unidade absoluta na forma de uma poética perfeitamente reconciliada com a sua personalidade básica ou nuclear, e a necessidade de aproximar-se àquela expressão ideal (e idealizada) através da multiplicação de vozes e de vivências. Como Luís de Oliveira e Silva comenta: “Através da obra de Fernando Pessoa corre um motivo que ele repete *ad nauseam*: a incapacidade para captar o seu eu interior unitário” (169). A melhor solução, o ponto intermédio entre os

extremos do fim desejado mais inalcançável, por um lado, e a necessidade de salvar-se da sua própria estagnação “ortonímica,” por outro é a evolução da pluralidade de vozes. Pessoa opta pela auto-libertação: “Em vez de se fechar num auto-escrutínio solitário, resolve livrar-se através da acção imaginativa” (Oliveira e Silva 187), acção que implica a divisão paradoxal entre o sujeito pensante e observante que é o Pessoa-pessoa, e aqueles outros sujeitos denominados heterónimos. José Gil escreve: “Agora, no plano de consistência da heteronímia, é possível ser-se ao mesmo tempo dois universos e dois espaços diferentes; é-se mesmo obrigado a sê-lo, já que a heteronímia permite obter a expressão mais variada, mais intensa e mais inesgotável” (226). Acrescenta-se que para Fernando Pessoa a obrigação deriva em parte do perspectivismo relativista inelutável do século XX, e em parte das exigências da civilização ocidental no seu passo evolutivo para uma cultura—e uma verdade—nova. Como George Rudolf Lind observou no seu estudo pioneiro: “Escrever poesia não tem modernamente a ver com inspiração; põe-se aos artistas como um processo de trabalho” (312).

O dilema moderno da subjectividade desterrada cientificamente e filosoficamente do objecto da sua percepção, dilema fomentado indirectamente pela teoria da relatividade, encontra na heteronímia a sua expressão poética mais original e mais completa. A génese dessa poesia é tão inseparável da génese intelectual de Fernando Pessoa quanto a sua sensibilidade filosófica é inseparável da sua sensibilidade literária. Ao considerarmos ambas como faces da mesma moeda, apreciamos mais intensamente—mais perfeitamente—o génio de um grande homem atormentado.

Notas

¹ Trata-se de “Zur Elektrodynamik bewegte Körper” (Sobre a electrodinâmica dos corpos em movimento). *Annalen der Physik* (1905).

² Paráfrase do artigo sobre Einstein na *Encyclopedia Britannica*, 15ª edição (1980), vol. 6.

³ Entenda-se a observação no sentido einsteiniano, embora também lembra a famoso princípio da indeterminabilidade, que faz parte da física quântica de Heisenberg.

⁴ É curioso que o livro do próprio Einstein sobre o assunto, que Pessoa poderia ter lido em tradução inglesa, não figura no inventário da sua biblioteca: *Relativity* (Londres, 1920; traduzido da terceira edição alemã por Robert Lawson). É possível que Pessoa o vendera, o que era um destino bastante normal para os seus livros; é também possível que a prosa do grande físico, melhor matemático do que escritor, o desencorajasse.

⁵ Há um exemplar do romance na biblioteca de Pessoa, na edição de The Odyssey Press (Hamburg, 1932). Pessoa não escreveu nada nas suas páginas.

⁶ Hoje em dia a biblioteca de Pessoa conta com só três obras de Spencer. O exemplar de *Spencer's Essays* (Londres: Watts & Co., 1907 [ensaios escritos entre 1850 e 1860]) dá pouca evidência de leitura de parte do poeta, que por outro achou várias passagens de interesse em *Social Statics* (Watts & Co., 1910 [1850]) e *The Man versus the State* (Watts & Co., 1914 [1884?]), passagens que versam maiormente sobre a relação entre o indivíduo e o estado. Que Pessoa tivera um conhecimento mais amplo das ideias do Spencer é evidente nos seus escritos geralmente.

⁷ Este livro de Coimbra não figura no inventário da biblioteca de Pessoa. Além da obra citada (*A razão experimental*), Pessoa possuía duas outras do seu amigo: *O criacionismo* (Porto: Renascença Portuguesa, 1912) e *A morte* (Porto: Renascença Portuguesa, 1913). Este foi-lhe dado de presente pelo autor, que na dedicatória se afirma “o amigo e o admiradôr leal”; não aparenta nenhuma marca, mas o próprio Pessoa reconhece havê-lo lido na carta de agradecimento citada acima. O exemplar de *O criacionismo* sim está marcada, mas somente nas últimas 100 páginas. Pessoa anota quase exclusivamente passagens referentes à religião, o que não vem ao caso do estudo presente.

Obras Citadas

- Anónimo. *Einstein: ABC das suas teorias, explicadas por 26 gravuras e fácil texto*. Lisboa: Sá da Costa, s.d.
- Bergson, Henri. *A evolução criadora*. Trans. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2001.
- Bréchon, Robert. *Estranho estrangeiro*. Trans. Maria Abreu e Pedro Tamen. Lisboa: Quetzal Editores, 1996.
- Brose, Henry L. Brose. *The Theory of Relativity*. Oxford: B.H. Blackwell, 1920 [1919].
- Coimbra, Leonardo Coimbra. *A filosofia de Henri Bergson*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994 [1934].
- . *A razão experimental: lógica e metafísica*. Porto: Renascença Portuguesa, 1923.
- Einstein, Albert. *Relativity*. Trans. da terceira edição alemã (1918) de Robert Lawson. Londres, 1920.
- “Einstein.” *Encyclopedia Britannica*. 15^a ed. 1980.
- Gil, José. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Trans. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, s.d.
- Lind, Georg Rudolf. *Teoria poética de Fernando Pessoa*. Trans. Margarida Losa. Porto: Editorial Nova, 1970.
- Lopes, Teresa Rita. *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Moch, Gaston Moch. *Initiation aux Théories d'Einstein*. Paris: Bibliothèque Larousse, s.d. [1922].
- Pessoa, Fernando. *Correspondência (1905-1912)*. Edição de Manuela Parreira Silva. Lisboa: Assírio e Alvim, 1998.
- . *Crítica*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999.
- . *Espólio*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Oliveira e Silva, Luís de. *O materialismo idealista de Fernando Pessoa*. Lisboa: Clássica Editora, 1985.
- Pina Coelho, António de. *Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa*. Vol. 2. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- Quadros, António. *Fernando Pessoa: vida, personalidade e génio*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

- Rice, James. *Relativity: An Exposition Without Mathematics*. Londres: Ernest Benn Ltd., 1928 [1927].
- Schlick, Moritz. *Space and Time in Contemporary Physics*. Oxford: Clarendon, 1920.
- Search, Alexander. *Poesia*. Ed. and Trans. de Luísa Freire. Lisboa: Assírio e Alvim, 1999.
- Spencer, Herbert. *First Principles of Sociology*. 1862.
- . *Social Statics*. Londres: Watts & Co., 1910.
- . *Spencer's Essays*. Londres: Watts & Co., 1907.
- . *The Man Versus the State*. Londres: Watts & Co., 1914.

Kenneth Krabbenhoft is Professor of Spanish and Portuguese at New York University. He has written on Luso-Brazilian literature, early-modern Spanish literature, mysticism, and science-fiction. His translations include essays by Eduardo Lourenço and Sofia de Mello Breyner and books by Saint John of the Cross, Pablo Neruda, and Eugenio Triás. Some recent publications are *Abraham Cohen de Herrera: Gate of Heaven* (Leiden: Brill, 2002), *Neoestoicismo e género popular* (Salamanca: Universidad de Salamanca, 2001), and “José Saramago, Cognitive Estrangement, and Original Sin?” *Portuguese Literary & Cultural Studies* 6 (Spring 2001). He is currently working on *Darwin e Pessoa*, a study of evolutionary theory and its impact on Fernando Pessoa’s poetics of heteronimity. E-mail: kk1@nyu.edu